

**O rap como fortalecimento da cultura e identidade negra:
análise das canções autobiográficas do Djonga¹**

*Rap as a strengthening of black culture and identity:
Analysis of Djonga's autobiographical songs*

Caio Vinicius ARAÚJO²
Felipe Augusto RODRIGUES³
Thiago Almeida RIBEIRO⁴
Yan dos Santos CAMPOS⁵

Resumo

Este artigo analisa as representações da identidade negra nas músicas do rapper Djonga. Para isso, serão revisadas três canções em conjunto com seus videoclipes: *Junho de 94* (2018), *Hat-trick* (2019) e *Conversa com uma menina branca* (2022), tendo como metodologia a Análise Crítica da Narrativa. Entre os resultados, percebe-se que, ao representar a cultura negra, Djonga usa como estratégia de efeito real, o fator identificação ao utilizar o rap para passar uma mensagem autobiográfica de uma luta constante por seus direitos e fortalecimento de uma identidade em meio a um racismo histórico no Brasil.

Palavras-chave: Rap. Identidade. Representação. Narrativa.

Abstract

This article analyzes the representations of black people in the songs of rapper Djonga. For this purpose, three songs will be reviewed together with their video clips: *Junho de 94* (2018), *Hat-trick* (2019) and *Conversation with a white girl* (2022), using the Critical Narrative Analysis methodology. Among the results, it is clear that, when representing black culture, Djonga uses the identification factor as a real effect strategy when using rap to pass on an autobiographic message of a constant struggle for his rights and the strengthening of an identity in the midst of a historical racism in Brazil.

Keywords: Rap. Identity. Representation. Narrative.

¹Trabalho orientado pelo professor Paulo Henrique Soares de Almeida, doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), como atividade disciplinar.

²Graduando do Curso de Publicidade e Propaganda, Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: caio.araujo_22pub@fac.unb.br

³ Graduando do Curso de Publicidade e Propaganda, Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: felipe.rodrigues_22pub@fac.unb.br

⁴Graduando do Curso de Audiovisual, Universidade de Brasília (UnB). E-mail: almeidarthiago@gmail.com

⁵Graduando do Curso de Audiovisual, Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: yan.santos_22aud@fac.unb.br

Introdução

A maneira como recebemos informações sobre determinados temas e como interpretamos essas mensagens está relacionada com os discursos dos meios, que produzem sentido e significado que serão decodificados e reproduzidos no campo social. É o que Hall enfatiza como quadros de referência ou mapas culturais. “Nós damos às coisas significados pelo modo como as representamos, as palavras que usamos, histórias que contamos, emoções que a elas associamos e imagens que produzimos” (HALL, 2009, p. 3). Na concepção de Hall, a maneira como interpretamos essas práticas culturais e discursos vão construir nossa percepção de mundo e de identidade. A ideia é a mesma elucidada por Kathryn Woodward (2012). Para a autora, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e está ligada a inclusão e exclusão, podendo ser fluida, entretanto, em todo caso, marcada simbolicamente pelas representações.

Em vista disso, entende-se que a cultura midiática fornece material importante com o qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, etnia, raça, nacionalidade, sexualidade e a relação entre todos. Sob a luz de Hall e Woodward, Kellner (2001), afirmam que essa cultura midiática ajuda a moldar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos, definindo o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral e imoral. “As narrativas veiculadas pelas mídias fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos” (KELLNER, 2001, p. 9).

Nesse processo, a música tem seu papel importante como referência e índice de um significado dominante, que contribuirá para o fortalecimento das representações sociais, cultura e identidade. Segundo Hall (2016), representação significa utilizar a linguagem para informar alguma coisa com sentido, sobre algo ou alguém, a partir de símbolos, palavras, músicas, imagens, fotos, entre outros. Em suma, a representação conecta significado e linguagem com a cultura. “Dizer que duas pessoas pertencem à mesma cultura, é dizer que, as mesmas pessoas interpretam o mundo e se expressam, aproximadamente, da mesma maneira” (HALL, 2016, p. 2).

Assim, a música, nosso objeto de análise, tem um papel fundamental na formação da identidade cultural de um povo. Ela tem o poder de expressar valores, crenças e costumes de uma sociedade. Através da música, as pessoas podem se conectar com suas raízes culturais e formar uma identidade coletiva. Além de evocar emoções e sentimentos

que transcendem barreiras linguísticas e culturais. Ela pode ser usada para contar histórias, celebrar eventos importantes, expressar sentimentos de amor, tristeza ou alegria, e até mesmo para protestar contra injustiças sociais. Por isso, é uma ferramenta poderosa na formação da identidade cultural, pois ajuda a preservar as tradições e valores de uma sociedade, além de promover o diálogo intercultural e a compreensão entre diferentes grupos.

A música pode criar uma memória coletiva em uma sociedade, ademais, ser usada para lembrar eventos históricos importantes, como guerras, revoluções e movimentos sociais. Por exemplo, a música “Imagine”, de John Lennon, se tornou um hino pacifista que representa os ideais de paz e igualdade social. A canção foi escrita durante a Guerra do Vietnã e se tornou um símbolo da luta pela paz mundial. Portanto, a música, com todo o seu potencial informativo, torna-se um veículo fundamental para a comunicação social, sobretudo aquela oriunda da maioria comum, dos grupos marginalizados, cujo acesso aos grandes veículos de comunicação é quase nulo. E conforme reforça Hall (2009), é, sobretudo, por meio da oralidade que indivíduos marginalizados se expressam.

Essa linguagem é um valioso meio de comunicação para o fortalecimento da cultura e identidade dos negros no Brasil, grupo que representa 56% da população brasileira, mas sua representatividade na mídia ainda é baixa. No livro *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, o autor Joel Zito Araújo (2000) cita elementos ouvidos de entrevistados que avaliaram como os meios de comunicação de massa representam negros e afro-brasileiros na televisão, por exemplo. Os principais pontos de crítica foram que 1) os negros são representados através de estereótipos negativos; 2) existe uma total invisibilidade da ação positiva dos negros; 3) a cultura negra é vista como folclore, e não como parte da cultura popular e da constituição do imaginário e das preferências do povo brasileiro; 4) o negro como elemento de diversão para os brancos, e não para si mesmo e seu grupo étnico; e 5) a apresentação do negro como pobre e favelado está na estrutura rotineira dos noticiários.

O modo como o negro é representado na mídia e imaginário brasileiro tem relação direta com a história brasileira. José Murilo de Carvalho, no livro *Cidadania no Brasil*, explica que a herança colonial trouxe sérias consequências para os brasileiros, entre elas, a questão da escravidão, que atingiu toda a sociedade. “Calcula-se que, desde o início do tráfico até 1850, tenha entrado no Brasil 4 milhões de escravos” (CARVALHO, 2014, p. 52). O Brasil foi o último país de tradição cristã e ocidental a abolir a escravatura, em

1888, e essa relação entre brancos e negros, muitas vezes, foi de diferença e exclusão do segundo grupo.

O senhor não admitia os direitos dos escravos e exigia privilégios para si próprio. Se um estava abaixo da lei, o outro se considerava acima. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis, mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogância de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos (CARVALHO, 2014, p. 58).

Entre a dialética do senhor e do escravo e o diagnóstico sobre a realidade do século XXI, perpassa uma perspectiva que aponta que a representação do negro como é hoje é uma herança da escravatura, do modelo de colonização e da formação de um estado autoritário. A representação do negro associada à violência, por exemplo, é um fenômeno que faz parte de uma memória coletiva que nos foi transmitida por diversos autores do passado. Um deles, Paulo Prado, fez uma descrição minuciosa de como a violência marcou a história das relações sociais no Brasil. “Nas fontes de água impura havia diariamente brigas de negros que ali se liquidavam, a ponta de faca. A vida dissoluta do africano e do mestiço invadia a melhor sociedade. Tudo se fazia neste abandono desleixado e corrompido que é a escravidão” (PRADO, 1997, p.153). A cultura da dominação do branco em relação ao negro também é destacada pelo autor:

O trabalho servil dos escravos da África sustentava a agricultura, mas a escravidão minava o organismo social, como em toda a parte que existiu. Os senhores favoreciam os ajuntamentos para aumentarem o número de crias; os filhos de escravos até a terceira ou quarta geração, embora batizados, eram marcados na cara com um ferro em brasa para se venderem; o castigo mais comum era queimá-los com tições acesos, ou com cera, toucinho ou outras matérias derretidas (...). A história do Brasil é o desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjugando o espírito e o corpo de suas vítimas (PRADO, 1997, p. 138-139).

Maffesoli (1987), por sua vez, relaciona essa representação a situações de dominação, social ou política, e considera que o fenômeno se reveste de um caráter de luta de classes, em uma sociedade com antagonismos sociais. Na sociedade brasileira, estes antagonismos têm caráter histórico, devido à própria formação do país. São diferenças que não se resolvem apenas pela formulação legal, que impõe direitos iguais, ou seja: entre compreender e exercitar a cidadania como caminho igualitário, interfere na memória coletiva, que refaz situações de dominação nas mídias contemporâneas. Neste

cenário, produtos como o rap surgem como alternativa para dar voz e visibilidade aqueles que ainda lutam por direitos e igualdade.

O rap como fortalecimento da cultura e identidade

O rap é um gênero musical que tem se apresentado como ferramenta de comunicação e identidade cultural em diversos locais do mundo. Popularizado nos Estados Unidos na década de 1970, este estilo se espalhou para os grandes centros urbanos, servindo como contranarrativas aos discursos dominantes e visibilidade para diferentes etnias e grupos sociais, inclusive no Brasil. O rap brasileiro surgiu nas periferias de São Paulo, como uma junção entre hip-hop e funk, e ao longo do tempo, foi se incorporando ao pop-rock e outros estilos musicais.

Guimarães (1999) observa que, por ser um discurso sobre a vida dos excluídos nas periferias, não há como não fazer referência à violência que rodeia a periferia. Conforme a autora, diferente do que aconteceu com o samba, nos anos 30, em que a descrição da pobreza dos morros era “romantizada”, sem que a violência aparecesse como elemento dessa descrição, o rap é a crônica dos anos 80-90 das periferias dos grandes centros urbanos, com temas sociais como política, educação, criminalização e racismo. “Após o fenômeno rap já estar consolidado, com milhares de jovens presentes em seus shows, começa a haver uma mudança no tom e sua característica crônica da vida da população negra das periferias dos grandes centros urbanos começa a ser percebida” (GUIMARÃES, 1999, p. 43).

Neste contexto, este artigo pretende analisar as representações das pessoas negras nas músicas do rapper Djonga. Para tal propósito, serão revisadas três canções em conjunto com seus videoclipes: *Junho de 94* (2018), *Hat-trick* (2019) e *Conversa com uma menina branca* (2022).

Nascido na favela do índio, em Belo Horizonte, Gustavo Pereira Marques, conhecido como Djonga, foi criado nas ruas dos bairros São Lucas e Santa Efigênia, na região leste da capital mineira. Filho de Ronaldo e Rosângela, cresceu em um ambiente musical, no qual começou a gostar de música desde muito cedo. Suas influências vão de Cazuza a Racionais MCs. Além da influência dos pais, Gustavo sempre teve uma relação muito forte com sua avó, Maria Eni Viana. Nas suas músicas, o rapper está sempre lembrando o quão importante é valorizar suas raízes, identidade e memórias.

Em entrevista ao site Rapbox, o rapper disse que sempre gostou da “zueira” e que nunca foi um bom aluno na escola. Entretanto, começou a se dedicar aos estudos antes de se formar no ensino médio porque, segundo ele, não queria ter um futuro igual ao dos amigos que não estudavam ou entraram para a criminalidade. Devido a sua escolha, Djonga conseguiu passar no curso de História na Universidade Federal de Ouro Preto. No entanto, faltando um semestre para se formar, começou a fazer sucesso e decidiu seguir carreira, abandonando a faculdade.

Djonga é considerado um dos rappers mais importantes da atualidade, além de ter sido o primeiro brasileiro indicado ao prêmio BET Hip Hop Awards, realizado nos Estados Unidos. Ao longo da sua carreira, o cantor já lançou vários álbuns: Heresia (2017), O menino que queria ser Deus (2018), Ladrão (2019), Histórias da minha área (2020), nú (2021) e o dono do lugar (2022). Sempre com músicas que carregam o grito contra injustiças.

Metodologia e análise

A metodologia de estudo neste artigo é a Análise Crítica da Narrativa, tal como proposta pelo professor Luiz Gonzaga Motta (2013). Segundo o autor, a Narratologia remete à cultura da sociedade e não apenas às suas expressões ficcionais. Ela passa a lidar com a construção dos significados e “pode ser utilizada como um procedimento analítico para compreender os mitos, as fábulas, os valores subjetivos, as ideologias, a cultura inteira de uma sociedade, seus valores canônicos e desvios” (MOTTA, 2013, p. 80).

Dessa forma, utilizar o método na análise dos videoclipes nos ajuda a compreender a história contada e os sentidos produzidos por meio dos signos e símbolos que aparecem nessas narrativas orais e visuais, observando os personagens, o valor simbólico dos elementos que aparecem na cena, a representação, os detalhes, o enredo, as entrelinhas da mensagem e a metanarrativa, sem deixar de lado o problema da polissemia. “Todo discurso é um poder exercido na relação entre quem fala e escuta. A análise sistemática da narrativa pode revelar esse jogo de poder e descortinar correlações de forças que se exercem nas relações discursivas interpessoais e coletivas” (MOTTA, 2013, p. 19).

Ao utilizarmos as orientações de Motta (2013), trabalhamos com a interpretação dos sistemas de signos imersos na cultura, seu contexto social, valores e efeitos de sentido

com foco no fenômeno da significação, reconhecendo as representações e as mensagens que o narrador constrói e como ela será compreendida e reverberada pelo público. O caminho, portanto, se baseia na linguagem e é ela que intermediará toda a experiência hermenêutica enquanto experiência de mundo, servindo de meio, já que “toda interpretação se faz no seio da linguagem e nossa compreensão de mundo é, sempre, linguisticamente interpretada” (MOTA, 2017, p. 9).

Para compreendermos as representações das pessoas pretas e os significados sociais construídos nos videoclipes do Djonga, o caminho metodológico deste estudo percorre os planos de expressão, conteúdo e metanarrativa, observados nas produções *Junho de 94* (2018), *Hat-trick* (2019) e *Conversa com uma menina branca* (2022).

Junho de 94

Na letra *Junho de 94*, lançada em 2018, Djonga fala sobre o quão grande ele queria ser. Como ele sempre teve vontade de lutar contra as desigualdades sociais e dar uma vida melhor para a sua família por meio da sua arte. Com isso, na música, ele acaba retratando a sua vivência e como um jovem negro e periférico sofre ao tentar crescer na vida. No trecho "*o seu herói não consegue voar, virei a porra do vilão que vocês criaram*", o cantor mostra que não tem superpoderes e sofre com os desafios de correr atrás de um sonho e tentar buscar melhorias para o seu povo. Por outro lado, esse mesmo povo logo o fizeram vilão, com todas as críticas e pressão sobre ele.

A letra é uma autobiografia por descrever como o artista perdeu a essência que tinha antes de estourar no mercado musical e conquistar dinheiro e fama. No trecho "*logo eu que fiz grito pros excluídos*", ele narra que, para chegar onde está hoje, teve que ir contra as leis da gravidade e fazer o impossível, pois, segundo Djonga, quem veio de baixo é fadado a ir ainda mais para baixo e nunca "crescer na vida". Essa metáfora da lei da gravidade para representar os problemas sociais vivenciados pela minoria é um dos pontos destaques na narrativa da canção *Junho de 94*. Na letra, Djonga também cita Renato Russo, cantor, compositor e vocalista da banda Legião Urbana, falecido em 1996. No trecho "*hoje eu acordei meio Renato Russo querendo recuperar o tempo perdido, ele disse que ainda é cedo pra chorar, o mundo tá tão complicado pra esses pais e filhos*", Djonga cita a música *Pais e filhos* da Legião Urbana, que se trata de uma reflexão a passagem inevitável do tempo e das condições efêmeras da vida. Esse tempo perdido

sugere referência a uma desigualdade social histórica que o negro sempre esteve imerso, como descrito nas obras de Paulo Padro (1997).

Junho de 94 também faz referência a canção *Ainda é cedo* e *O mundo anda tão complicado*, outras músicas de Renato Russo. Ao afirmar em sua letra “*eu sou daqueles que dá o papo reto e vive torto*”, Djonga traz ideias paradoxais sobre si mesmo, autoestima, positividade e empoderamento do povo preto, mas afirma que ele não seria um verdadeiro exemplo em alguns quesitos.

No trecho “*seu reflexo é mais cruel do que a imagem de qualquer um, disse aí morreu Narciso*”, Djonga alerta para os perigos de uma pessoa ser egocêntrica. Em “*Perdidos por camarins em algum olhar lascivo...e agora ninguém quer chorar meu choro, mas quem até eu não conheço quer sorrir o meu sorriso*”, o cantor descreve como os prazeres mundanos se apresentam a ele por causa de dinheiro e fama. Fala também sobre a amizade, usando referência ao verso da música *A Amizade*, do grupo de samba e pagode Fundo de quintal. Durante toda a letra, ele também cita Shakespeare, falando que a vida é um drama e uma tragédia, assim como o livro de Tim Maia escrito por Nelson Motta, “*Vale Tudo*”, onde Nelson fala sobre a carreira de Tim Maia, mas não com os sucessos dele, mas sim como ele teve uma vida desastrosa.

Nota-se que a narrativa se desenrola em uma mesa durante uma refeição em dois planos: um com uma família preta e outro com uma família branca. Nela, Djonga discorre sobre seus sonhos, suas metas e uma realidade que não era a desejada. Com a temática anti-racista, a produção trabalha com a ideia de o preto viver “com a corda no pescoço”, tanto perante ao seu povo, quanto aos brancos ricos. Uma forte metáfora de representação social. Ao longo da narrativa, o videoclipe mostra também o pai da família branca sentado na cadeira em que está coberta com a bandeira do Brasil. Na cena com a família preta, a bandeira está na máquina de costura, dando a entender que o Brasil é construído pelo povo preto e usufruído pelo povo branco e seu patriarcado (Figura 1).

Figura 1



Fonte: Canal Djonga no YouTube⁶

Nota-se que a mesma pessoa que serve a família branca é o pai da família preta. No videoclipe, também é perceptível que o Djonga com uma camiseta de marca, na mesa com a família branca, tenta chamar a atenção deles batendo no copo assim como fazem os brancos em eventos de luxo, dando a entender que mesmo que ele esteja onde os brancos estão, jamais conseguirá a atenção deles por conta da sua cor de pele e de onde veio.

Na cena com a família preta, Djonga tenta levantar e sair do lugar, mas a corda que está em seu pescoço não deixa ele ir longe. A cena sugere que o mesmo acontece com muitos jovens pretos de periferia quando tentam sair, melhorar de vida, mas não conseguem, porque, além de viverem em uma sociedade racista, os próprios que estão a sua volta os limitam. Observando a metanarrativa, temos que, no Brasil, de acordo com dados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019⁷, cidadãos negros enfrentam mais dificuldade de encontrar um emprego se comparados a cidadãos brancos, mesmo quando possuem a mesma qualificação. Quando trabalham, recebem até 31% menos. Os números ainda mostram que entre os 10% com maiores rendimentos domiciliares per capita, 70,6% eram de cor branca e apenas 27,7% de preta ou parda. A situação se inverte no outro extremo, na faixa de 10% mais pobres: 75,2% deles são pretos ou pardos, enquanto somente 23,7% são brancos (AMORIM; NEDER, 2019).

Na segunda parte do videoclipe, Djonga está em um banheiro com uma mulher preta, usando o vaso sanitário, lendo uma revista de moda que tem como capa uma mulher branca e loira. A cena sugere uma crítica aos padrões de beleza, muitas vezes, impostos pela sociedade.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTUEjPmX0tE>

⁷ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/11/06/negros-tem-mais-dificuldade-de-obter-emprego-e-recebem-ate-31-menos-que-brancos.htm>

Hat-trick (2019)

A canção *Hat-trick* abre o álbum *Ladrão* falando sobre racismo, empoderamento do povo negro, a ascensão do artista através da música e sua convivência em seu meio na perspectiva de alguém que superou dificuldades por meio da arte. Na linguagem esportiva, *hat-trick* remete a realizar um tento repetidas vezes na mesma partida. No futebol, esporte o qual Djonga se refere, significa um jogador marcar três gols em uma única partida. A expressão evoca o feito do rapper nos três últimos anos anteriores a canção: três álbuns consecutivos, lançados na mesma data. Além de *Hat-trick* (2019), *Heresia* (2017) e *O Menino que Queria ser Deus* (2018), melhor álbum de rap do ano no Prêmio Genius Brasil, em 2018.

A obra *Hat-Trick* é lançada no terceiro mês de 2019, ano que começou o Governo do presidente Jair Bolsonaro, que foi alvo de muitas críticas do artista. O álbum *Ladrão* chega com muita expectativa depois do crescimento significativo que a cena do rap nacional ganhou em 2018 e do sucesso do Djonga no Álbum *O Menino que queria ser Deus*. Djonga traz novamente o conceito de lançar um álbum no dia 13 de março pelo terceiro ano consecutivo, fazendo com que todos os apreciadores de rap nacional esperassem com muito mais expectativa, prometendo ser um dos melhores álbuns de 2019. Na análise crítica da composição, é possível perceber que existem três pontos que juntos formam o discurso do Djonga na letra de *Hat-Trick*: a história, a crítica e a mensagem. Analisaremos cada ângulo abaixo:

A história: Djonga evidencia na música a sua luta e os feitos que teve na sua jornada até o sucesso. “*Eu sou a volta por cima. Uma explosão em expansão igual o Big Bang*”. O Big Bang é o evento cientificamente atribuído como origem do universo, onde em uma grande explosão causou uma rápida expansão de toda matéria condensada em um único ponto. Porém, essa expansão continua ocorrendo, tendo um limite desconhecido. Dessa forma, Djonga se compara ao Big Bang porque ele “estourou” na mídia em 2016 e não parou de crescer, “dando a volta por cima” das dificuldades da sua vida.

A mensagem: Djonga deixa evidente a importância da sua influência nos jovens e do seu lugar de fala “*Cê não sabe o que é acordar com a resposta. Que pros menor daqui eu sou espelho*”. Na música, ele propõe uma reflexão: mudar a condição do jovem preto na sociedade, promovendo a ideia de que quando um jovem chegar na prosperidade

que ele possa focar em mudar o contexto das pessoas que andavam com ele até ele chegar lá e mudar a condição do lugar que ele morava. Dessa forma, na música, Djonga prega a união:

É pra nós ter autonomia, não compre corrente, abra um negócio. Parece que eu tô tirando, mas na real tô te chamando pra ser sócio. Pensa bem, tira seus irmão da lama, sua coroa larga o trampo. Ou tu vai ser mais um preto que passou a vida em branco? (Letra de Hat-Trick, 2019).

A crítica: Djonga traz uma forte crítica em *Hat-Trick*: A falta de identidade e de honra às raízes do povo negro, causado pela busca do privilégio da existência social, da individualização, da fala e da validação das suas conquistas. Sobretudo na cena do rap em que diversos artistas que após ganhar visibilidade, se vendem ao “mainstream” em busca de dinheiro e visualizações, ao invés de continuar com as manifestações que fizeram o artista crescer.

Eu sou um moleque igual esses outros moleque. Que a única diferença que não esquece de onde vem. Me desculpe aí. Mas não compro seu processo de embranquecimento de MC. Eu sigo falando o que vejo. Tem uns irmão que tá falando o que essa mídia quer ouvir (Letra de Hat-Trick, 2019).

A narrativa do clipe começa com um jovem negro, inicialmente com seu rosto pintado de branco (Figura 2), fazendo referência ao livro escrito por Frantz Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, um dos textos mais influentes dos movimentos de luta antirracista desde sua publicação, em 1952. A obra traz fortes críticas à violência colonial, mostrando a colonização como um processo econômico, social e psíquico.

No primeiro capítulo de *Pele negra, máscaras brancas*, intitulado *O negro e a linguagem*, Fanon descreve como as pessoas negras precisam aprender a língua da metrópole, não devem falar com sotaque se desejam ser reconhecidas como “gente de verdade”, o que implica também usar as categorias da colônia. O sentido de mundo, a cultura e todos os elementos que atravessam a linguagem estão colonizados, e as pessoas negras ficam impedidas de reconhecer, analisar e dizer a realidade por meio de uma linguagem que parta do reconhecimento da sua história e cultura. O sujeito negro vive, assim, a sua própria história como se fosse o outro.

“Pele negra, máscaras brancas” problematiza com radicalidade a produção do outro, como o sujeito negro está impedido de conjugar o

pronome “eu”. O trauma psíquico colonial esmiuçado por Fanon não deixa dúvidas: o sujeito negro precisa de muitas máscaras brancas para existir, somente mascarado pode conjugar os verbos na primeira pessoa do singular. Como são muitas máscaras, o sujeito negro fica impedido de enxergar a si mesmo com o seu próprio olhar (NOGUEIRA, 2020, on-line).

Figura 2



Fonte: Canal do Djonga no YouTube⁸

Na sequência, o videoclipe de Djonga apresenta um contraste entre o comportamento desse personagem, quando ele vai ao trabalho em um escritório onde só lida com pessoas brancas e quando ele está na área onde mora, em que só lida com pessoas negras. No universo dos brancos, o jovem age com simpatia e apreço, porém no universo dos negros ele age com ignorância e desdém (Figuras 3 e 4).

Figura 3



Figura 4



Fonte: Canal do Djonga no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

Em um certo momento, Djonga aparece do lado deste jovem, tentando falar algo para ele, entretanto a máscara branca o ignora. As roupas e as correntes que Djonga usa remete a época escravocrata que foi um regime terrível, sofrido pelo povo negro por 388 anos no Brasil. Dessa forma, em Hat-Trick, o personagem passa a representar a libertação desse período de escravidão e racismo ainda tão presentes na sociedade brasileira (Figuras 6 e 7).

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

Figuras 6



Figura 7



Fonte: Canal do Djonga no YouTube⁹

O clímax da narrativa é quando o jovem negro se liberta dessa máscara branca ao encontrar com uma senhora, interpretada pela vó do Djonga, em uma casa com várias fotos de infância, representando o encontro com as raízes. A senhora limpa o rosto do jovem, tirando a máscara. Essa cena retoma a influência da obra *‘Pele negra, máscaras brancas’*, pois nas primeiras páginas do livro, Frantz Fanon fala sobre a necessidade de uma libertação do negro do local onde a colonização ‘o colocou de subjugado’. Essa interpretação psicanalítica, tendo como motivação explícita desalienar pessoas negras do complexo de inferioridade que a sociedade branca lhes incute desde a infância, é apresentada no livro de Fanon e reverberada no videoclipe de Djonga (Figura 8).

Figura 8



Fonte: Canal do Djonga no YouTube¹⁰

Logo em seguida, o jovem liberto com sua face negra exposta encontra novamente com o universo onde mora e lida com outros jovens negros. Porém, dessa vez, sua atitude é diferente, porque ele age com simpatia e afeto. No final da narrativa, o protagonista do

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

clipe é acertado por um tiro dado sem nenhuma explicação. Nesse momento, a vida do jovem e a música fazem uma crítica a vários casos de jovens periféricos mortos por armas de fogo no Brasil. Na última cena do clipe, Djonga aparece no lugar do baleado com um ferimento no mesmo lugar que a bala atingiu a vítima (Figura 9).

Figura 9



Fonte: Canal do Djonga no YouTube¹¹

Durante a cena, o músico fala uma última mensagem para o jovem negro. A mensagem consiste, primeiramente, em citar o racismo sistemático na sociedade, enfatizando a questão dos negros, com muita frequência, serem confundidos com criminosos. Em seguida, Djonga propõe em seu verso “*Ladrão, então peguemos de volta o que nos foi tirado. Mano, ou você faz isso, ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam sangrado*”. A fala remete a mensagem da música e ao título do seu álbum.

O compositor finaliza a narrativa dizendo que várias pessoas dependem dele. Em seu último verso, alerta ainda mais para o racismo histórico ao reforçar que, apesar de fazer o seu trabalho da forma honesta, ainda vão chamá-lo de ladrão.

Conversa com uma mina branca (2022)

No videoclipe *Conversa com uma menina branca* (2022), a música cantada por Djonga critica as mulheres brancas que se utilizam da comparação de realidades diferentes para se igualar a discriminação do homem preto. Nas cenas, o autor destaca como essa comparação banaliza a agressão racial que o homem preto sofre no cotidiano. Tal temática é abordada em outras obras brasileiras, como no livro “Pequeno manual

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trfuqjFx_XE

antirracista”, da autora Djamila Ribeiro. Essa crítica fica nítida na letra da música de Djonga: “*Eu tive uma conversa com uma menina branca e poucas. E, com 25, ela vendeu droga pra comprar umas roupa. E eu que vi com 13 meu primo tipo na vida loka. Com 25, já teria 12 anos de boca*”. No vídeo, sua crítica fica evidente ao comparar uma pessoa que vendeu droga aos 25 anos para comprar roupas, com outra que morreu aos 13 anos por estar envolvido com o crime.

Na narrativa, o personagem começa o videoclipe em uma boate vestindo uma jaqueta da marca de luxo Louis Vuitton, que custa cerca de 32 mil reais. No decorrer da encenação, a menina branca chama a polícia por se sentir ameaçada. Assim, outro ponto de crítica de Djonga que fica evidente é o preconceito enraizado na sociedade de que todo homem negro é perigoso. Isso é visível na letra da música.

Debater com uma mina preta/ Homens negros são violentos/ Quase sempre perdem a cabeça/ Ouvir aquilo me machucou/ Levantei a voz e senti a malícia/ Ouvir aquilo me machucou/ Levantei a voz/ Ouvir aquilo me machucou/ Levantei a voz, senti a malícia/ A conversa com a menina branca acabou com ela chamando a polícia (Letra de Conversa com uma Menina Branca, 2022).

Na sequência, após a polícia ir embora, o ator apanha de alguns homens brancos que estão fora da boate. Um dos primeiros atos dos agressores foi retirar a simbólica jaqueta do homem preto enquanto batiam nele. Com isso, o autor ressalta a ideia de que independente do que o negro vista ou onde ele esteja, irá sofrer preconceito racial (Figura 10).

Figura 10



Fonte: Canal do Djonga no YouTube¹²

A letra da música de Djonga alerta para o racismo praticado pela mulher branca.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KYDFJlhLT38>

Destarte, reforça uma crítica à violência policial. Na metanarrativa, é inegável que o Brasil possui alto índice de violência policial contra homens pretos. Tal afirmativa é baseada em estudos estatísticos. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança mostram que, dos 6.416 brasileiros mortos por intervenção policial em 2020, 78,9% eram negros. A taxa de letalidade em operações policiais é 2,8 vezes maior entre negros do que entre brancos (BARRETO, 2021)¹³. Logo, é possível verificar, por meio dos dados, que existe uma quantidade expressamente superior de homens negros com medo de sofrer violência policial ou serem mortos por policiais em detrimento da quantidade de homens brancos.

Considerações finais

Habitualmente, na mídia, a representação do negro é baseada em estereótipos preconceituosos. Essa representação histórica, como vimos nos textos acima, é causada tanto pelo racismo estrutural existente na sociedade, quanto pela falta de representações fora desse espectro racista nas grandes mídias. Por outro lado, em seus videoclipes *Junho de 94*, *Hat-Trick* e *Uma conversa com uma menina branca*, Djonga traz a sua história de vida para representar o negro numa sociedade racista, como também, apresenta suas dificuldades, raízes, lutas e desafios constantes para ser reconhecido.

Utilizando a sua trajetória e tendo o seu cotidiano como inspiração, as narrativas dos videoclipes geram uma identificação no contexto negro. Djonga faz isso usando elementos visuais específicos. Coloca em suas cenas personagens e situações das quais a maioria das pessoas que compõem o seu público já passaram ou vivenciaram, como as cenas de racismo.

Percebe-se que ao representar a cultura negra, Djonga usa como estratégia de efeito real o fator identificação ao utilizar o rap para passar uma mensagem autobiográfica de luta contra os males da sociedade. Também traz para às suas narrativas importantes metáforas, como usar uma jaqueta de luxo no clipe *Uma conversa com uma menina branca*, como estratégia de reflexão sobre os problemas e distanciamentos sociais entre as classes, ou na cena que uma mulher negra usa o sanitário enquanto vê uma revista de padrões de beleza para representar seus desdêns ao conteúdo da revista.

¹³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-aco-es-policiais-brasil-vezes-maiores-brancos/>

Neste sentido, Djonga causa repercussão no público e na mídia por cantar nos versos do rap a sua história de vida, seus desafios e conquistas. Uma autobiografia que representa, não apenas, a sua história, mas também a de sua comunidade e milhares de brasileiros que lutam, diariamente, por seus direitos. Pela oportunidade de serem reconhecidos, de terem a chance de vencerem os desafios do dia a dia e poderem cantar o verdadeiro som da liberdade.

Referências

AMORIM, Daniela; NEDER, Vinicius. **Negros têm mais dificuldade de obter emprego e recebem até 31% menos que brancos.** Estadão. 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/11/06/negros-tem-mais-dificuldade-de-obter-emprego-e-recebem-ate-31-menos-que-brancos.htm3/>. Acesso em 3 de maio de 2023.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BARRETO, Elis. **Mortes de negros em ações policiais no Brasil são 2,8 vezes maiores que de brancos.** CNN, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-aco-es-policiais-brasil-vezes-maiores-brancos/>. Acesso em 4 de abril de 2023.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Rap: transpondo as fronteiras da periferia.** In: ANDRADE, Elaine Nunes de. Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** PUC-Rio. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KELLNER, D. **A cultura da mídia.** Bauru: EDUCS, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: UnB, 2013.

NOGUERA, Renato. **Exorcismo revolucionário: livros de Frantz Fanon e Aimé Césaire são essenciais para lutar contra o racismo e o colonialismo atuais.** Quatro Cinco Um, 2020. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/politica/exorcismo-revolucionario>. Acesso em 23 de maio de 2023.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira.** São Paulo:

Companhia das Letras, 1997.

WOODWARD, Katherine. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.